



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

MEMÓRIA E CENOGRAFIA NO DISCURSO POLÍTICO

Edvania Gomes da Silva
(UESB)

Luis Cláudio Aguiar Gonçalves
(UESB)

Maria da Conceição Fonseca-Silva**
(UESB)

RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre cenografia e memória no discurso político. O *corpus* é constituído por formulações do Presidente Lula, colhidas em revistas de circulação nacional e no *site* da Presidência da República. As análises mostraram que existe uma relação entre a construção da imagem de representante do povo, reivindicada pelo discurso petista, e a cenografia dos textos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; Cenografia; Discurso político.

*Professora do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários (UESB) e do Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES/UESB). Membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNPq/UESB). E-mail: edvania_g@gmail.com.

**Graduando do curso de Direito da UESB. Bolsista de IC da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Membro do grupo de pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNPq/UESB). E-mail: luislawyer10@yahoo.com.br.

***Professora do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários (UESB) e do Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES/UESB). Líder do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNPq/UESB). E-mail: con.fonseca@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é examinar a relação entre dois planos de análise, a saber: a *cenografia* e a *memória*, verificando de que forma a construção de cenografias, que materializam diferentes memórias discursivas, contribui para a compreensão da semântica global do posicionamento petista.

Sobre cenografia e memória

De acordo com Maingueneau, as cenas de fala podem ser divididas em três categorias: cena englobante, que se liga ao tipo de discurso (discurso político, científico, religioso); a cena genérica, que diz respeito ao gênero discursivo (carta, panfleto, prosa, trabalho científico); e por fim, a mais interessante para o analista do discurso, a cenografia, que é construída pela própria enunciação do fiador, validando-a e sendo validada por ela, num processo denominado por Maingueneau de *enlaçamento paradoxal*. As duas primeiras cenas constituem o quadro cênico que, segundo as palavras do referido autor, “define o espaço estável dentro do qual o enunciado adquire sentido” (MAINGUENEAU, 2005, p. 112.). Já a última, a cenografia, tem a função de legitimar a enunciação do fiador, pondo em tela cenas que estão positivamente ou negativamente validadas na memória coletiva.

Nos gêneros discursivos que admitem cenografia, uma vez que há os que não a admitem, ela funciona atribuindo papéis, dentro da cena que veicula, para o enunciador e para os co-enunciadores, devendo ser capaz de fazer com que estes últimos aceitem a posição que lhes foi designada dentro dessa mesma cenografia. De acordo com Maingueneau (2005a), o termo *cenografia* não corresponde apenas à idéia de “teatro” ou de “encenação”. À noção teatral de “cena” o autor acrescenta a de



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

-grafia, de inscrição. Isso porque, ainda segundo Maingueneau, “uma enunciação se caracteriza, de fato, por sua maneira específica de inscrever-se, de legitimar-se, prescrevendo um modo de existência no interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2005a, p. 77). Nesse sentido, a enunciação “instaura” seu próprio dispositivo de fala. Por isso, “a *-grafia* deve ser apreendida, ao mesmo tempo, como quadro e como processo” (MAINGUENEAU, 2005a, p. 77).

Por seu turno, a memória discursiva é constituída por tudo aquilo que fica na lembrança de uma dada formação discursiva, ou seja, é tudo aquilo que o seu sistema de restrições semânticas permite que seja lembrado ou não pelos sujeitos de uma FD específica. A memória discursiva é, dessa forma, algo que já está lá, um já-dito, que a semântica global do discurso permite que seja movimentado (lembrado) por seus sujeitos. Isso fica bem claro nas palavras de ORLANDI (2007, p. 64-65):

O sujeito é assujeitado, pois para falar precisa ser afetado pela língua. Por outro lado, para que suas palavras tenha sentido é preciso que já tenham sentido. Assim é que dizemos que ele é historicamente determinado, pelo interdiscurso, pela memória do dizer: algo fala antes, em outro lugar, independentemente. Palavras já ditas e esquecidas, ao longo do tempo e de nossas experiências de linguagem que, no entanto, nos afetam em seu esquecimento. Assim como a língua é sujeita a falhas, a memória também é constituída pelo esquecimento.

Enfim, como ensina Pêcheux (2007, p. 56):

Uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório; é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

conflitos de regularização... Um espaço de deslocamentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

Neste trabalho, tomaremos como base de análise a relação entre memória discursiva, que, na perspectiva Pêcheuxiana, é o próprio interdiscurso, e a noção de cenografia, proposta por Maingueneau. Trata-se, portanto, de verificar em que medida esses dois conceitos operacionais podem ser considerados na análise do posicionamento petista. Vale salientar que a noção de memória a qual recorreremos aqui não é de forma alguma homogênea, mais perpassada por rupturas e retomadas. Portanto, é com base em uma memória discursiva que se constitui essencialmente pela relação entre o dito e o não-dito que analisaremos cenografias materializadas na enunciação petista, buscando compreender a semântica global do referido posicionamento discursivo.

Procedimentos metodológicos

O *corpus* da pesquisa foi coletado, de agosto de 2007 a dezembro de 2008, principalmente na rede mundial de computadores – INTERNET, no *site* da Presidência da República, nas guias *Discursos do Presidente da República e Entrevistas do Presidente da República*, mas também em revistas e jornais de circulação nacional (*Veja, Caros Amigos, Istoé, O Estado de São Paulo*), na rede televisiva e no programa de rádio *Café com o presidente*. Na análise, priorizamos formulações que materializavam campanhas institucionais que procuravam promover o governo.

Concomitantemente a coletas dos dados, foi realizada a leitura e a revisão de textos que enfocavam as noções de *cenografia*, de acordo com os trabalhos desenvolvidos por Dominique Maingueneau, e de *memória*, com base nos trabalhos



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

da Escola francesa de Análise de Discurso. Finalmente, procedemos à análise dos dados, procurando identificar uma suposta *cenografia* petista, bem como a(s) memória(s) discursiva(s) materializada(s) por meio da referida cenografia.

Análise dos dados

As análises indicam que a criação de cenografias pelo partido dos trabalhadores obedece a duas dinâmicas distintas: 1) o posicionamento petista cria, através de sua enunciação, cenografias que aproximam o Presidente Luís Inácio da Silva do povo, fazendo funcionar, assim, uma memória discursiva que põe o fiador petista como representante do povo, homem das massas; 2) esse mesmo discurso petista cria, por outro lado, a cenografia do Brasil como país do futuro, materializando, por meio dessa cenografia, outras duas memórias, que se relacionam ao “lugar” de interpelação dos sujeitos. A primeira dessas memórias materializa-se nos sujeitos interpelados pelo posicionamento petista. Para esse sujeito, a cenografia do Brasil como país do futuro faz emergir a memória do administrador competente, materializado na imagem do governo petista. A segunda, que é “esquecida” pelos sujeitos que se subjetivam no lugar da primeira, será “lembrada” por aqueles que se posicionam em um outro “lugar” discursivo. Para esses sujeitos, a cenografia do Brasil como país do futuro materializa a memória de um governo que se mostra imperialista. Vejamos abaixo, os dados do *corpus* que nos permitiram chegar às conclusões supramencionadas.

A movimentação de uma memória discursiva que reaviva a imagem do presidente como representante do povo, através de cenografias populares pode ser identificada nos seguintes excertos:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

1º Excerto

Esse é um desejo, sabe, de um presidente da República. Mas muito mais do que um desejo de um presidente, é um desejo de um pai que sabe o sacrifício para educar cinco filhos e quer que o povo mais pobre tenha a oportunidade de colocar os seus filhos na escola (Presidente Lula, no Programa Café com o Presidente de 17 de março de 2008).

2º Excerto

Políticos, normalmente, não dizem para que escola de samba torcem, para que clube torcem. Eu digo: sou vascaíno, no Rio; Corinthians, em São Paulo; Beija-Flor, no Rio de Janeiro, apesar de eu gostar de todas (Presidente Lula, numa entrevista concedida por ele no Palácio da Laranjeira – RJ, em 25 de janeiro de 2008).

3º Excerto

Concordo, e acho que o Presidente entendeu o significado do PAC das favelas, pela sua sensibilidade, pela sua própria trajetória de vida (Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro, em entrevista concedida pelo Presidente Lula no Palácio das Laranjeiras – RJ, em 25 de janeiro de 2008).

No primeiro excerto, o enunciador é identificado com a imagem de pai de família, numa cenografia que materializa uma realidade bastante comum para grande parte da população: a dificuldade de educar os filhos. No segundo, o enunciador petista se põe como homem de hábitos simples, entregue as duas “paixões nacionais”: futebol e carnaval. Já no último, a suposta sensibilidade do presidente em identificar as principais necessidades das favelas é posta como fruto de sua biografia difícil, trajetória de vida igual à de muitos brasileiros.

A criação da cenografia do país do futuro, vinculada à memória de uma competência do administrador petista, fiador de seu discurso, pode ser verificada nas seguintes formulações:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

1ª formulação

Não. Não, a crise **não** chegou no Brasil e nós trabalhamos com a hipótese de que a crise **não** vai chegar no Brasil. Por algumas razões. Primeiro porque o sistema financeiro brasileiro não está envolvido nos títulos imobiliários americanos. Segundo porque o Brasil está com a sua economia **sólida** e sustentada **muito** no seu crescimento interno e, depois, numa política de exportação **muito** forte (Presidente Lula, no Programa Café com o Presidente de 24 de março de 2008).

2ª formulação

Luiz, primeiro, essa é uma coisa **extremamente** importante. Eu diria **muito** importante. Você aumentar a arrecadação sem aumentar os impostos. E por que isso aconteceu? Pelo que respondi na pergunta anterior, pelo crescimento econômico. É só você pegar o balanço das 100 maiores empresas brasileiras e você irá perceber que elas lucraram como **jamaís** lucraram na história desse país (Presidente Lula, no Programa Café com o Presidente de 21 de janeiro de 2008).

3ª formulação

Isso é resultado da seriedade, é resultado da estabilidade econômica e é uma demonstração que nós estamos dando para a sociedade de que nós vamos transformar este país definitivamente numa **grande** economia e numa **grande** nação (Presidente Lula, no Programa Café com o Presidente de 25 de fevereiro de 2008).

4ª formulação

Olha, isso quer dizer que o povo brasileiro está vivendo melhor, está ganhando **mais**, está podendo comprar **mais**, tendo acesso as coisas que **antigamente** pertencia apenas a um pequeno segmento da sociedade (Presidente Lula, no Programa Café com o Presidente de 31 de março de 2008)

5ª formulação

Na verdade, nós estamos provando que a nossa relação com o nosso mundo, com o nosso continente, é o que tem possibilitado o crescimento **extraordinário** das exportações brasileiras, da



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

melhoria da nossa balança comercial (Presidente Lula, em entrevista concedida por ele na Residência da Embaixada do Brasil em Cuba, em 15 de janeiro de 2008).

6ª formulação

Um fato **inédito, extraordinário**, foi a participação de 53 reitores concordando com a proposta do ministro da Educação e assinando um convênio do Reuni, que é o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. É uma coisa **extraordinária**, e eu penso que é o caminho para que quem vier depois de nós dê seqüência e o Brasil possa **recuperar o tempo** em que colocar dinheiro na educação era tido como gasto, e não como investimento (Presidente Lula, no Programa Café com o Presidente de 17 de março de 2008).

O uso de advérbios de intensidade (muito, mais, extremamente), bem como de adjetivos que tem essa mesma função (sólida, grande, extraordinária), presentes em quase todos os excertos, reforça a afirmação de que o país vive um momento de grande crescimento econômico. Esse desenvolvimento é posto como fruto do governo petista, como se pode concluir pelo uso de advérbios temporais (jamais, antigamente) e de adjetivos que transmitem a idéia de inovação (inédito), contrapondo o momento atual (no qual há um crescimento extraordinário) ao momento anterior (onde não ocorria crescimento, ou se ocorria, era bem menor).

A cenografia do Brasil como país do futuro, apresentada nos exemplos acima, relaciona-se com uma outra: a do Brasil como maior economia da América Latina. Todavia, através dos acontecimentos discursos que criam está terceira cenografia, o enunciador petista movimenta, além de uma memória que exalta a competência do administrador petista e a liderança política do Brasil, uma outra memória: a de um governo com tendências imperialistas. É o que podemos verificar nos seguintes excertos:

1º excerto

Todo mundo sabe que a Embrapa fez a revolução na agricultura brasileira e nós estamos convencidos que a Embrapa pode ajudar vários países africanos a deixarem de ser tão pobres, a terem uma agricultura competitiva, **e nós iremos contribuir para isso** porque acho **extremamente** importante. Então foi uma coisa **extremamente** produtiva porque eu acho que esse é **um papel que**



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

o Brasil precisa exercer no continente africano (Presidente Lula, no Programa Café com o Presidente de 21 de abril de 2008).

2º excerto

O Brasil é o **maior** exportador de café, o **maior** exportador de soja, o **maior** exportador de suco de laranja, o **maior** exportador de açúcar, o **maior** exportador de carne e agora o Brasil é um dos **maiores** exportadores de minério e agora o Brasil está exportando etanol (Presidente Lula, no Programa Café com o Presidente de 21 de abril de 2008).

3º excerto

O Brasil, eu digo sempre, **como maior economia, o Brasil precisa cumprir com o seu papel**, acreditar que esse é o caminho correto para uma boa política de integração (Presidente Lula, em entrevista concedida por ele na Residência da Embaixada do Brasil em Cuba, em 15 de janeiro de 2008).

4º excerto

Você tem, depois, a América Latina e tem a África, que são continentes em processo de formação de política comercial e política econômica, **que o Brasil pode ajudar de forma extraordinária com a sua experiência, com a construção de parcerias. Nós vamos fazer isso porque acho que esse é um papel que está reservado ao Brasil, vai depender única e exclusivamente de nós** (Presidente Lula, em entrevista concedida por ele na Residência da Embaixada do Brasil em Cuba, em 15 de janeiro de 2008).

5º excerto

Eu digo sempre o seguinte: o Brasil, como **maior economia do nosso continente**, tem a responsabilidade de **tomar iniciativas para fazer as coisas acontecerem** (Presidente Lula, em entrevista concedida por ele na Residência da Embaixada do Brasil em Cuba, em 15 de janeiro de 2008)

6º excerto

Todos vocês sabem da paixão que o Brasil tem pela integração da América Latina, pela integração da América do Sul. Todos vocês têm



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

consciência de que o Brasil tem responsabilidades, **por ser a maior economia, por ser a maior população, por ser o país de maior conhecimento tecnológico e científico da América do Sul e da América Latina**, da responsabilidade que nós temos de construir parcerias, de contribuir para o desenvolvimento do nosso continente (Presidente Lula, em entrevista concedida à imprensa após encontro com o líder cubano Fidel Castro, em 15 de janeiro de 2008).

Novamente, o uso de advérbios de intensidade (*extremamente*, no primeiro exemplo), de adjetivos que reforçam a magnitude do Brasil e de suas conquistas (*maior*, presente em quase todos os exemplos; *extraordinário*, no quarto), bem como de frases intercaladas, que tem o efeito de tornar inquestionável o conteúdo que veiculam ("**como maior economia**", terceiro exemplo; "**como maior economia do nosso continente**", penúltimo exemplo; "**por ser a maior economia, por ser a maior população, por ser o país de maior conhecimento tecnológico e científico da América do Sul e da América Latina**", último exemplo) contribuem para a criação da cenografia do Brasil como maior potência da América do Sul. Por meio da materialização de tais cenografias, o país é chamado a assumir o seu papel de líder do continente sul-americano, ajudando-o a obter o mesmo crescimento que o Brasil experimenta. É o que verificamos nos exemplos ("**um papel que o Brasil precisa exercer no continente africano**", primeiro exemplo; "**o Brasil precisa cumprir com o seu papel**", terceiro exemplo; "**um papel que está reservado ao Brasil**"; quarto exemplo). Todavia, essa memória só será movimentada ou "reavivada" nos sujeitos que se identificam com o Partido dos Trabalhadores, pois, nos que não se identificam com o referido posicionamento, esses mesmos enunciados, no sentido pêncheuxtiano do termo, fazem emergir outra memória: a de um imperialismo, a exemplo do imperialismo americano. Trata-se, portanto, de ver no governo petista uma tentativa de dominação política e econômica em relação aos outros países da América Latina.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

CONCLUSÕES

As análises mostraram que o fiador petista constrói, por meio de sua enunciação, diferentes cenografias, que, por sua vez, movimentam diferentes memórias discursivas. Em outras palavras, para que seus enunciados reavivem nos sujeitos a memória de um governo que tem suas origens no povo, o fiador petista não pode fazer uso de outras, senão daquelas cenografias que identificam o representante político do PT com a parte mais carente da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, a memória de uma suposta competência petista para administrar só é possível em cenografias que exponham os efeitos positivos dessa liderança política. Contudo, esse jogo de representatividade permite a emergência de uma terceira memória: a de um governo oportunista e imperialista. Em síntese, no jogo da memória existe uma relação entre a construção de imagens e os diferentes “lugares” de subjetivação, e é esta relação que irá definir as diferentes possibilidades de leitura, materializadas no imaginário das vicissitudes político-partidárias.

REFERÊNCIAS

- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Organização S. Possenti e M. C. P. Souza e Silva. Vários tradutores. Curitiba: Criar, 2005.
- _____. (1998). **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, E. Maio de 1968: os Silêncios da Memória. In: **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. São Paulo: Pontes, 2007. p. 59-71.
- PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. São Paulo: Pontes, 2007. p. 49-57.